

**GELOIA KAI SPOUDAIA: O PRIMEIRO SIMPÓSIO DE CIRO NA
CIROPÉDIA (II.2.1-3.1)***Lucia Sano*

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar uma tradução do primeiro simpósio organizado por Ciro na *Ciropédia* de Xenofonte (II.2.1-3.1) e discutir a mistura de temas cômicos e sérios (*geloia kai spoudaia*) no diálogo entre os presentes. Essa é uma de diversas cenas divertidas ao longo da obra, mas também se trata de passagem crucial, tanto à economia interna da narrativa, uma vez que é no banquete que se define como se dará a distribuição dos bens obtidos em guerra, quanto à própria concepção da *Ciropédia* por Xenofonte, pois Ciro, o Grande, defende então a narrativa fictícia prazerosa.

PALAVRAS-CHAVE: Xenofonte, *Ciropédia*, simpósio, cômico-sério, ficção

ABSTRACT: This paper presents a translation of the first symposium hosted by Cyrus in Xenophon's *Cyropaedia* (II.2.1-3.1) and a brief discussion on the mixture of serious and comic themes (*geloia kai spoudaia*) in the conversation among the guests. This is one of several amusing scenes throughout the work, but it is also a crucial passage, for two reasons: it is in the dinner-party that Cyrus and the Persian officers decide how the goods obtained in war will be shared among the soldiers and it is also then that Cyrus defends the pleasurable fictitious narrative.

KEYWORDS: Xenophon, *Cyropaedia*, symposium, comic-serious, fiction

Historiografia,¹ biografia, romance histórico ou de formação *avant la lettre*, encômio, manual político ou um pouco de cada uma dessas coisas, a *Ciropédia* de Xenofonte é, sem dúvida, a obra mais investigada do autor nas últimas décadas,² ainda que esse discípulo menos famoso de Sócrates continue recebendo, da parte dos pesquisadores, menos atenção que outros dos seus contemporâneos, sobretudo se considerarmos quão vasta e variada foi sua produção literária. No Brasil, Xenofonte

¹ Agradeço à Fapesp pelo financiamento da pesquisa que resultou na tradução integral da *Ciropédia* e no presente texto.

² Destaco apenas alguns estudos: Due (1989), Tatum (1989), Gera (1993), Nadon (2001), Selfridge (2012) são livros inteiramente dedicados à obra; cf. também Gray (2011) e Tuplin (2013). No Brasil, cf. Cerdas (2011) e Lima (2012).

não é tão lido quanto outros clássicos também porque a maior parte da sua obra não está atualmente disponível no país.³

A passagem abaixo é uma amostra interessante da engenhosidade e da complexidade narrativa da *Ciropédia*, texto que traduzi integralmente.⁴ A obra tem início com uma reflexão sobre a instabilidade dos regimes políticos; observa-se que democracias, monarquias, oligarquias e tiranias foram igualmente ao longo da história destituídas pelo povo. Xenofonte pondera, então, ao comparar o homem a animais que obedecem a seus pastores, que nenhum outro animal é, por natureza, mais difícil de governar, um fato que faz de Ciro, o Grande, da Pérsia (c. 600-530 a.C.) um líder excepcional (I.1.3). Sugere-se, então, que conhecer a vida de Ciro e entender o que o levou a se tornar senhor de um vasto império pode resultar na compreensão do que é necessário para superar o problema da instabilidade política. A *Ciropédia* é, assim, a obra xenofontiana mais complexa a lidar com um dos temas favoritos do autor: o da boa liderança.

O que vemos na sequência, porém, não é teoria política na forma de tratado, mas de narrativa “biográfica” – entre aspas, porque, embora se relate a vida de Ciro do nascimento à morte, a maior parte da história centra-se apenas nos meses que Ciro leva para derrotar o rei assírio em guerra, tomar a Babilônia e instituir seu império. E também entre aspas porque o autor se permite vários desvios naquilo que hoje entendemos como fatos históricos do Império Aquemênida. À guisa de exemplo, na versão registrada por Heródoto e outros (entre os quais o próprio Xenofonte na *Anábase*, III. 4.8), Ciro teria liderado uma revolta persa contra o domínio do seu avô medo Astíages. Muito antes da ascensão de Ciro, a Assíria já havia caído sob domínio medo, com exceção da Babilônia, conquistada por ele graças ao estratagema do desvio do rio Eufrates. Já na *Ciropédia*, Ciro e seu tio Ciaxares, então rei da Média (um personagem inventado por Xenofonte), entram em campanha juntos para se defender

³ Chegou ao meu conhecimento a publicação de apenas duas traduções da *Ciropédia* no Brasil, ambas há muito esgotadas, uma feita por J. F. Pereira para a coleção Clássicos Jackson (1964) e outra feita por J. Bruna (1985).

⁴ A tradução será publicada em 2018 pela Editora Três Estrelas. Trabalho atualmente na tradução da *Anábase*.

da agressão dos assírios, que tentavam conquistar os medos, e são as vitórias nessa campanha que começam a formar o glorioso império que ele comandaria até a morte.

É durante os preparativos iniciais para o confronto com os assírios que ocorre o primeiro jantar oferecido por Ciro em sua tenda, no acampamento, a companheiros persas pertencentes ao grupo chamado de *homotimoi*, aqueles que gozam de iguais honras, ou seja, a aristocracia persa. É característica da escrita xenofontiana a mescla de gêneros literários; aqui, como em outros momentos em que ocorrem jantares na *Ciropédia*, o autor está incorporando à narrativa um formato que também ele, assim como Platão, havia antes praticado, ao escrever um *Banquete* no qual Sócrates é figura central.⁵

Quando desse primeiro jantar, a maior parte do contingente persa destacado para auxiliar Ciaxares contra os assírios chegara havia pouco ao acampamento. Apresentando-se antes deles, Ciro havia conversado com o tio, de quem recebera a notícia de que estavam em extrema desvantagem com relação aos inimigos: sua cavalaria somava apenas $\frac{1}{4}$ das forças da cavalaria oponente e os infantess não chegavam a ser metade dos deles. Xenofonte relatara anteriormente como havia se formado o exército persa (I.5.5):

Com a concordância de Ciro, os anciãos do conselho escolheram-no comandante da expedição à Média. Permitiram-lhe selecionar como companheiros duzentos entre os homens nobres (*homotimoi*) e a cada um dos duzentos deram o direito de escolher outros quatro, também dentre os nobres; assim eles se tornaram mil homens. E cada um desses mil, por sua vez, pôde selecionar, do povo comum dos persas, dez peltastas, dez fundeiros e dez arqueiros. Desse modo, passaram a ser dez mil peltastas, dez mil fundeiros e

⁵ A questão é controversa, mas Xenofonte teria escrito seu *Banquete* depois de Platão e sob influência dele. Cf. Dorion (2017: 46).

dez mil arqueiros, sem contar os mil homens do início. Esse era o tamanho do exército dado a Ciro.

Essa formação reflete aquela que era, até então, a forma de lutar dos persas: os nobres engajavam-se no combate corpo a corpo, enquanto os homens do povo participavam da luta à distância, como fundeiros, arqueiros ou lanceiros. Tal distinção era fruto das condições econômicas dos homens comuns, a quem se permitia acesso à mesma educação dada aos nobres (o que incluía treinamento militar), mas que a ela não tinham, de fato, qualquer alcance, em razão da sua necessidade de abandonar os estudos para garantir o próprio sustento.⁶

Informado de que também o exército assírio privilegiaria o combate à distância, Ciro percebe que a única chance que a força medo-persa teria de derrotá-lo seria o engajamento no combate corpo a corpo. Ele pede, então, que Ciaxares mande aprontar para os homens do povo persa armamento igual aos dos nobres (II.1.9), que consistia de couraça, escudo e espada. A sugestão feita por Ciro também é bem-recebida pelos seus conterrâneos: da parte dos nobres, porque refletem que lutariam cercados de um número maior de homens; da parte dos comuns, porque ponderam lhes está sendo oferecida a proposta irrecusável de receber a mesma recompensa que os nobres, por igual esforço (II.1.19). É graças à decisão de Ciro de dar tais condições de luta aos homens do povo que seu exército se tornará vitorioso. Assim que a proposta de Ciro é aceita, tem início o treinamento dos soldados comuns para que possam entender os comandos dos seus superiores e lutar com as espadas. É nesse momento da preparação do exército que ocorre a cena que agora discutimos.

Uma característica essencial do *Banquete* xenofontiano é mistura de elementos cômicos e sérios,⁷ como tão claramente demonstrou Huss (1999), ao argumentar que o uso do humor por Xenofonte nos discursos dos convivas reunidos na casa de Cálidas

⁶ *Ciropédia* (II.1.15): “em nossa pátria vocês não compartilham dos nossos privilégios, não por serem excluídos por nós, mas pela necessidade que vocês têm de se sustentar” (Ciro, em discurso aos soldados).

⁷ Uma mescla que parece ter feito parte do contexto geral dos motivos simposiásticos, cf. Huss (1999: 397).

havia passado despercebido até mesmo para os antigos. Nada parecido acontece nesse primeiro banquete da *Ciropédia*; as piadas são evidentes. A mistura do cômico e do sério (o que os antigos chamaram de *spoudogeloion*) é observável, porém, não apenas quando a conversa se torna momentaneamente grave, mas também em temas que, se aqui são tratados com humor, aparecem em contexto sério adiante na narrativa. A habilidade de entrelaçar temas pesados com temas leves era uma característica reconhecida de Xenofonte na Antiguidade (Gray, 2017: 232-235) e diversas das suas piadas nos simpósios descritos na *Ciropédia* são usadas como exemplos por Plutarco no contexto da discussão a respeito de temas apropriados para um banquete.⁸

Na extensa análise que Gera (1993: 132-191) faz de como Xenofonte dialoga com a tradição simposiástica na *Ciropédia*, ela observa que, uma vez que o propósito de Xenofonte é didático e edificante, nas cenas de banquete da obra se excluem elementos comuns dos simpósios, como as competições entre os convivas, o entretenimento (com dançarinos ou músicos, por exemplo) e a embriaguez. Gera (1993: 161) afirma ainda que as duas primeiras histórias relatadas por convivas a Ciro, a respeito das trapalhadas que os soldados comuns fazem quando passam a conviver com os nobres no acampamento, refletem seu descontentamento com a situação de “promoção” desses homens, uma leitura com a qual não estou de acordo.

O tema é introduzido pelo próprio Ciro, que pergunta aos comandantes como os homens que haviam sido recentemente integrados ao grupo agiam nas relações sociais e no preparo militar. A primeira história, contada por Histaspas, torna-se motivo de riso porque um dos soldados, em razão da sua glotonaria e falta de jeito, acaba ficando sem a última parte da carne que lhe cabia em um jantar, justamente quando poderia pegar o maior pedaço da travessa; a segunda, porque alguns dos soldados se mostravam incapazes de entender as ordens de seus comandantes, obedecendo-lhes em tudo, mas de modo equivocado.

⁸ *Quaest. Conv.*, (630c – 634f). Cf. Stadter (2012: 46-50) para essa questão em Plutarco e Chiron (2014) sobre como Xenofonte foi visto como modelo de orador na Antiguidade.

O comedimento à mesa é uma característica importante dos persas educados na *Ciropédia*,⁹ mas o primeiro relato é estratégico para trazer à narrativa um tema que é frequente causa de riso, a comida, especialmente quando desejada em excesso, como pelos *parasitói*, que são figuras cômicas, mas também pelo *gelotopoios* Filipe, o comediante, no *Banquete* de Xenofonte (I.11-13). Além disso, a ela Ciro atribuirá grande importância uma vez estabelecido o seu império, enviando comida da sua própria mesa como presente àqueles que ele queria honrar e que gostaria de ver honrados por outros (VIII.2.4-6). O narrador então observa que as pessoas se alegravam com os presentes, não apenas porque um agrado do rei era uma grande distinção, mas porque a comida real é, de fato, muito superior no prazer que provoca (VIII.2.4). O segundo relato introduz, de forma cômica, o tema da diligência dos homens comuns persas, que ganhará tratamento sério com a ascensão de Feraulas, um persa pobre que havia estudado apenas até o momento em que seu pai pôde dele prescindir na lavoura,¹⁰ aos homens de extrema confiança de Ciro. É a ele que Ciro atribui a importante tarefa de organizar sua primeira procissão pelas ruas da Babilônia e ele ganha o seu próprio episódio, quase ao fim da narrativa, quando, já tornado rico por Ciro, resolve entregar todos os seus bens a outro homem, com a condição de viver como um hóspede na sua própria casa, uma vez que ele considerava cuidar das riquezas uma tarefa aborrecida e que lhe impedia de servir Ciro de modo ainda mais diligente (VIII.3.35-50).

Na sequência, temos a intervenção do grave Agletadas, que se queixa a Ciro que os dois homens estavam mentindo para provocar o riso, agindo como fanfarrões. Ora, seu comportamento sério é bastante inapropriado para o jantar, mas permite que seja introduzido um comentário metaliterário pelo autor, como Reichel observou

⁹ Cf. a reação de Ciro, quando criança, aos fartos jantares medos (I.3.4-7) e como o comportamento do exército de Ciro ao jantar é avaliado pelo assírio Gobrias (V.2.16-20). Segundo o narrador, “um homem persa educado não demonstrava deslumbre diante de nenhuma comida nem bebida, fosse com os olhos, com a gula ou com uma mente incapaz de perceber o que perceberia se não estivesse diante de uma refeição” (V.2.17).

¹⁰ VIII.3.37, “Eu era evidentemente um dos que vivem do trabalho de suas próprias mãos, pois foi com dificuldade que meu pai, trabalhando ele mesmo para me criar, pôde me dar a educação dos meninos. Uma vez que eu me tornei um rapaz, sem poder me manter ocioso, ele me levou para o campo e mandou-me trabalhar”.

(1995), defendendo, para ele, um propósito duplo: o primeiro, de ser uma espécie de apologia do discurso ficcional espalhado ao longo do relato da vida de Ciro feito por Xenofonte. O segundo, o de ser uma resposta à passagem da *República* de Platão (388d), em que Sócrates condena a poesia que provoca o riso, sendo o ponto crucial da resposta de Ciro a Agletadas a aceitação ou rejeição da ficção e a reflexão sobre os efeitos morais que ela tem sobre os ouvintes.

Essa intervenção de Agletadas é sucedida pela introdução de um assunto sério, por iniciativa de Chrisantas, o da distribuição dos bens obtidos em guerra. Se assumirmos que Xenofonte pretende compor o retrato de um líder ideal na *Ciropédia*,¹¹ é possível notar que todos os episódios da narrativa convergem para o louvor do caráter e do comportamento de Ciro. Nesse primeiro jantar, a situação não é diferente e ela já está enunciada na introdução da cena: o narrador afirma que, sempre que estava acompanhado na sua tenda, Ciro procurava introduzir os assuntos mais agradáveis (*eucaristotatoi*) e que estimulassem ao bem (*parormontes eis tagathon*). Observa-se, por exemplo, que ao longo do jantar ele ainda intervém para não deixar que o riso que se espalha entre os convivas impeça igualmente o reconhecimento do valor dos homens comuns persas (II.2.10) e que ele se mostrará também um líder capaz de entender os seus comandados e de agir da melhor forma quando a discussão se tornar grave.

É sugestão de Chrisantas que Ciro se valha da sua autoridade para decretar a divisão dos bens de acordo com o mérito de cada um dos soldados, mas Ciro defende que se faça uma assembleia com os homens do povo (o que poderia levar, pelo voto, à divisão igualitária das riquezas, independentemente da atuação de cada um). Aqui, ele não só se recusa a agir de modo abertamente autoritário, o que tornaria os soldados indispostos contra ele, mas demonstra confiança no bom senso dos persas, ainda que o narrador deixe claro que Ciro espera um momento oportuno para, ali entre os nobres, iniciar a discussão, a fim de chegar ao resultado que ele desejava. Ciro acredita que, uma vez que os nobres presentes na sua tenda chegassem a uma decisão, a defesa por

¹¹ Há controvérsias, embora essa hoje seja a leitura predominante. Contra Tatum (1989), Nadon (2001).

essa opção no dia seguinte em assembleia, na voz deles, levaria os homens do povo à concordância.¹² Ele é um ás da política, movendo-se de forma bem-sucedida entre os interesses conflitantes de um grande número de homens, ao não deixar que esses conflitos cheguem a vir à tona. Ciro, na sequência, ainda impede que o jantar volte a estimular o riso entre os convivas, uma vez que um dos capitães tenta fazer uma piada com um assunto que ele não aceita que se torne motivo de troça: o mau comportamento de alguns soldados.

Por fim, o jantar se encerra novamente em tom alegre, por iniciativa do próprio Ciro. Trata-se da piada com um dos tenentes,¹³ Sambaulas, que havia trazido para a tenda um homem “muito peludo e muito feio”. É interessante observar que o narrador chama a atenção para o fato de que Ciro chama esse tenente, que sequer tem uma posição muito elevada no exército, pelo nome. Essa é a única aparição do personagem ao longo da narrativa. Com efeito, durante os preparativos para a marcha em direção à Babilônia, os homens ficam impressionados que ele seja capaz de lembrar os seus nomes (V.3.46). Isso porque Ciro pensava serem os comandantes, para ele, o que as ferramentas são para os mecânicos e os remédios para os médicos, peças que ele precisava utilizar e que ele deveria conhecer. Ao chamar um homem pelo seu nome, além disso, não só este se sentia honrado, mas também passava a se empenhar mais, uma vez que saberia estar recebendo a atenção de Ciro (V.3.47).

Xenofonte, pela boca persa de Ciro, também faz, no fim do jantar, uma piada com seus conterrâneos atenienses, ao dizer que se trata de um hábito grego andar acompanhado de moços bonitos. O desejo erótico homossexual, com nuances de humor, é ainda tema da *Ciropédia* na relação de Ciro com o persa Artabazo, que mente para ganhar dele um beijo quando, menino, ele voltava para a Pérsia após passar alguns anos ao lado do avô na Média (I.4.28), e que, tomando parte na corte de Ciro já na Babilônia, promete esperar trinta anos (sem morrer!) por outro beijo (VIII.4.27).

¹² Na verdade, os homens do povo também acabam por defender a distribuição por mérito, na voz de Feraulas (II.3.7-15).

¹³ Optei por traduzir os termos usados por Xenofonte por palavras que correspondem a patentes militares comuns, em vez de transliterá-los, como fazem alguns tradutores. O “tenente” corresponde ao grego *lochagos*, homem que estava no comando de cinquenta soldados.

Ciropédia (II.2.1-3.1)¹⁴

[2] 1. Ciro sempre se preocupava, quando estava acompanhado em sua tenda, em discutir assuntos que fossem dos mais agradáveis e que ao mesmo tempo estimulassem ao bem. Certa vez chegou à seguinte questão: “pois bem, homens, acaso nossos companheiros parecem inferiores a nós em algum aspecto porque não foram educados do mesmo modo que fomos, ou não haverá qualquer diferença nem nas relações sociais nem quando for necessário enfrentar os inimigos?”

2. Histaspas, então, respondeu, “ainda não tenho conhecimento de como eles serão com os inimigos; porém, nas relações sociais, pelos deuses, alguns deles parecem intratáveis! Outro dia, ao menos”, ele continuou, “Ciaxares enviou carne a cada uma das companhias e todos pegamos três pedaços ou mais, quando nós a estávamos passando entre os homens. A primeira rodada começou comigo. Quando começaria a segunda, eu mandei que ela tivesse início com o último homem a se servir e fosse distribuída agora no sentido inverso. 3. Então se levantou um homem que estava sentado no meio do círculo dos soldados e disse, 'por Zeus! Isso não está certo, já que nenhuma rodada começa por nós, que estamos no centro!'. Quando ouvi isso, fiquei irritado com a possibilidade de alguém achar que recebia menos e chamei-o imediatamente para perto de mim. Ele obedeceu, sendo, pelo menos nisso, bastante disciplinado. Quando a carne chegou até nós, fomos, eu acho, os últimos a nos servir, de modo que haviam restado os menores pedaços. Nesse momento, ele ficou claramente muito descontente e disse para si mesmo, 'que sorte a minha de ter sido chamado aqui justo agora!'. 4. E eu respondi, 'mas não se preocupe, pois logo outra rodada começará por nós e, como você será o primeiro, pegará o maior pedaço'. Nesse momento, começou a passar pela terceira vez o que havia restado da carne. O homem

¹⁴ Para a tradução, utilizou-se primeiramente a edição do texto grego estabelecida por M. Bizos e E. Délebecque para a coleção *Les Belles Lettres* (em três volumes, publicados em 1971, 1973 e 1978), mas também se consultou a edição de E. Marchant para a *Oxford Classical Texts*, de 1910.

serviu-se, mas depois lhe pareceu que tinha escolhido um pedaço pequeno. Ele devolveu o que tinha pegado, para escolher outro, mas o cozinheiro, achando que ele não queria mais comer, continuou a passar a carne, antes que ele conseguisse se servir de outra porção.

5. O homem levou tão a mal a situação que desperdiçou o que havia pegado de molho, do qual ainda lhe restava um pouco para acompanhar a carne – acabou derramando-o por estar desconcertado e com raiva de sua má sorte. Um dos comandantes, que estava perto de nós e observou a situação, bateu palmas e riu, achando aquilo divertido. Quanto a mim, fingi que estava tossindo, pois nem eu mesmo era capaz de conter o riso. Esse é um dos homens, Ciro, que eu apresento a você como um de nossos companheiros”. Ao ouvir essa história, todos riram, como era natural.

6. Outro dos capitães começou a falar: “Acho que esse nosso amigo, Ciro, se deparou com um sujeito intratável. Já eu, quando você nos ensinava sobre o posicionamento do exército e nos despachou com ordens de que ensinássemos a cada uma de nossas companhias o que havíamos aprendido com você, fui ensinar um dos pelotões, como os outros homens. Posicionei primeiro o tenente, então coloquei ao seu lado um jovem e depois distribuí os outros, da forma que me pareceu adequada; em seguida, me coloquei diante deles, observando o pelotão e, quando achei oportuno, dei ordens de que avançassem.

7. Então um rapaz, adiantando-se ao tenente, marchou à frente dele! E eu vendo aquilo, falei, 'homem, o que você está fazendo?'. Ele respondeu, 'estou avançando, como você mandou!'. E eu disse, 'mas não mandei apenas você, mas todos, avancarem'. Ao ouvir isso, voltando-se para os seus companheiros, ele falou, 'vocês não estão ouvindo a reprimenda? Ele está ordenando que todos avancem'. E todos os homens ultrapassaram o tenente vindo na minha direção!

8. Quando este fez com que todos voltassem, os soldados irritaram-se e começaram a dizer, 'a qual dos dois devemos obedecer? Pois um ordena que avancemos e o outro não o permite'. Eu, de minha parte, encarando a situação com tranquilidade e novamente os colocando em ordem, disse que ninguém que estivesse

atrás deveria se mover antes que o da frente o precedesse, que era apenas isto que todos deveriam observar: seguir o soldado que estivesse na sua frente.

9. Quando um homem que estava partindo para a Pérsia se dirigiu até mim e pediu-me que eu lhe entregasse a carta que eu havia escrito para os meus parentes, eu ordenei que o tenente corresse para buscá-la porque ele sabia onde ela estava. Então, ele saiu correndo e aquele mesmo jovem começou a segui-lo, com a couraça e com a espada, e todo o resto do pelotão, depois de vê-lo fazendo isso, começou a correr junto com eles! E então voltaram todos os homens trazendo a carta. Desse modo”, ele disse, “ao menos o meu pelotão segue todas as suas ordens com precisão”.

10. Nesse momento, como era natural, todos começaram a rir do cortejo militar da carta. E Ciro disse, “ó Zeus e todos os deuses, são esses então os homens que temos como companheiros; eles são tão facilmente vencidos pela gentileza que é possível fazer vários amigos apenas com um pouco de comida e alguns são tão obedientes que antes mesmo de saber qual é o comando já se adiantam a obedecer. Eu não sei que outros soldados eu deveria rezar para ter que não esses!”.

11. Assim Ciro riu e ao mesmo tempo elogiou os soldados. Na tenda, estava também outro capitão, de nome Agletadas, um homem de modos mais austeros, que falou algo assim, “mas acaso você supõe, Ciro, que eles estejam falando a verdade?”.

“Mas com que objetivo eles estariam mentindo?”, Ciro respondeu.

“Com que outro objetivo”, ele perguntou, “dizem esse tipo de coisa e agem como fanfarrões, senão para provocar o riso?”.

12. Ciro falou, “escolha melhor suas palavras e não diga que esses homens são fanfarrões! Pois, ao menos para mim, o termo fanfarrão é usado para aqueles que fingem ser mais ricos e mais corajosos do que são e que prometem fazer coisas de que não são capazes, agindo dessa forma claramente para ganhar alguma coisa ou obter algum lucro. Homens que procuram maneiras de fazer seus companheiros rirem, porém, sem lucrar com isso, sem que seja às custas dos ouvintes e sem causar mal a ninguém, não poderiam, de forma mais justa, ser chamados de engenhosos ou charmosos em vez de fanfarrões?”.

13. Ciro defendeu dessa forma aqueles que haviam provocado os risos e então o próprio tenente que havia contado a história sobre seu pelotão falou, “de fato, Agletadas, você poderia nos censurar veementemente se estivéssemos tentando fazê-lo chorar, como alguns que, em poesia e em discurso, compõem histórias infelizes para tentar levar os homens às lágrimas; mas agora, mesmo sabendo que queremos apenas alegrá-lo um pouco, sem lhe causar mal algum, você nos trata com essa grande falta de consideração”.

14. “Sim, por Zeus”, respondeu Agletadas, “e de forma justa, já que eu, pelo menos, acho que aquele que encontra meios para provocar riso nos amigos é em muitos aspectos menos digno de estima do que aquele que os faz chorar. Você também verá que digo a verdade, caso raciocine da forma correta. Ao menos é com lágrimas que os pais desenvolvem moderação nos filhos e os professores ensinam às crianças boas lições. É também por meio das lágrimas que as leis fazem com que os cidadãos se voltem para a justiça. Você seria capaz de dizer que aqueles que provocam riso fazem bem para nossos corpos ou tornam nossos espíritos um pouco mais ajustados para questões domésticas ou públicas?”

15. Diante disso, Histaspas respondeu algo assim, “Agletadas, se eu conseguir convencê-lo, você gastará sem parcimônia com os inimigos esse artigo tão valioso e tentará fazê-los chorar; mas conosco, ao menos, seus amigos aqui, você será pródigo com este item de pouco valor, o riso, pois sei que você tem uma grande quantidade dele guardada, já que nunca o gastou consigo mesmo, nem oferece riso por vontade própria a amigos ou inimigos. Assim, não há nenhuma desculpa que o impeça de nos oferecer algumas risadas!”.

E Agletadas respondeu, “mas você acha, Histaspas, que vai obter algum riso de mim?”.

E um capitão falou, “sim, por Zeus, ele está louco! Seria mais fácil, eu acho, alguém fazer uma fogueira esfregando contra você um graveto do que arrancar de você uma risada”.

16. Nisso, então, os outros começaram a rir, pois conheciam o seu temperamento, e Agletadas também deu um sorriso. Ciro, ao vê-lo se animar, disse,

“você não age bem, capitão, ao corromper nosso homem mais sério, persuadindo-o a rir, ainda mais por ele ser um inimigo do riso”.

17. E assim encerrou o assunto, mas então Chrisantas falou o seguinte:

18. “Ciro e todos os demais aqui presentes, quanto a mim, venho observando que alguns dos homens que se juntaram a nós são melhores e outros menos dignos de mérito. Porém, se obtivermos algum sucesso, eles se considerarão todos merecedores de uma divisão igualitária dos bens. Contudo, da minha parte, pelo menos, julgo que não existe nada mais iníquo entre os homens do que o corajoso e o covarde terem direito às mesmas recompensas”.

Ciro falou em resposta, “bem, pelos deuses, meus homens, é melhor não lançarmos esta questão ao exército, se eles preferem que seja feita uma partilha igualitária a todos, caso algum sucesso sobrevenha dos nossos esforços, ou se os avaliamos individualmente e, de acordo com eles, determinamos as recompensas de cada um”.

19. “E qual é a necessidade de introduzir uma discussão sobre esse assunto? Por que você não anuncia de que forma vai proceder? Não foi desse modo que você ordenou a instituição das competições e dos prêmios?”, perguntou Chrisantas.

“Mas, por Zeus”, Ciró respondeu, “não é a mesma coisa; pois os homens considerarão seus bens comuns aquilo que obtiverem lutando, acredito eu. Ainda julgam que o comando do exército me diz respeito em razão da minha origem, de modo que eles não pensam, a meu ver, que eu esteja agindo de forma imprópria quando designo árbitros”.

20. “E acaso você acredita mesmo”, falou Chrisantas, “que a multidão reunida votaria para não haver recompensa igual a cada um deles, mas para que os melhores tivessem vantagem na distribuição tanto de recompensas quanto de presentes?”.

“Acredito, sim”, respondeu Ciró, “em parte, eu acho, porque nós defenderemos essa resolução, em parte porque é vergonhoso declarar-se contrário ao fato de que o homem que sofreu mais e que foi de maior auxílio ao bem comum não seja merecedor de uma parte maior das recompensas. E acredito”, ele continuou, “que mesmo aos piores soldados parecerá apropriado que os bons tenham essa vantagem”.

21. Ciro desejava que a decisão fosse essa também pensando nos nobres, pois julgava que eles se mostrariam igualmente mais corajosos se soubessem que receberiam as recompensas conforme fossem julgados pelos seus atos. Pareceu-lhe então ser essa a ocasião propícia para sugerir que se votasse o assunto, enquanto os nobres estavam receosos de ter que fazer uma partilha igualitária com a massa de soldados. Assim, aqueles que estavam na tenda concordaram em pôr o assunto em discussão e declararam que todo homem que se julgasse como tal deveria defender essa posição.

22. Então um dos capitães disse, dando uma risada, “eu conheço um homem do povo que nos apoiará na ideia de que não haja partilha igualitária de modo indiscriminado”. Outro perguntou de quem ele estava falando e ele respondeu, “por Zeus, é um homem da nossa tenda, que tenta ganhar a maior parte em tudo!”.

E outro exclamou, “até do trabalho?”.

“Por Zeus, de jeito nenhum, nisso fui pego mentindo, pois ele sempre permite gentilmente que aquele que tenha disposição fique com a maior parte dos trabalhos e de outras coisas do tipo”, ele respondeu.

23. “Bem, homens”, Ciro falou, “sei que pessoas que são como esse de quem nosso amigo está falando agora devem ser removidos do exército, se de fato quisermos ter um exército ativo e obediente, pois acredito que a maior parte dos soldados é do tipo que segue a direção de alguém que os lidere. Os bons e nobres tentarão, acredito, direcioná-los para o que é bom e nobre, e os que são vis, para a vileza. 24. Muitas vezes os vis encontram, mais do que os honestos, um grupo maior de homens que pensam como eles. O vício, que os conduz por meio de prazeres momentâneos, conta com esses mesmos prazeres para persuadir a maioria dos homens. Mas a virtude, que os guia montanha acima, não é muito hábil em atrair os homens de imediato, ainda mais se existe quem os convide ao oposto, a uma descida fácil e suave. 25. Os homens que são maus somente por preguiça e inércia, esses eu julgo que são como zangões, que prejudicam seus companheiros apenas com despesas. Contudo, os que são maus companheiros também nos trabalhos, porque são excessivos e impudentes no que diz respeito à obtenção de vantagens, podem também guiar os demais na direção do que é

vil, já que são frequentemente capazes de demonstrar que o que é vil é vantajoso, de modo que devem ser expulsos do exército por nós a qualquer custo.

26. Não pensem, porém, em como preencher as vagas nas companhias apenas com seus concidadãos, mas assim como vocês procuram os cavalos que sejam os melhores, não apenas os que venham do nosso país, do mesmo modo, com relação aos homens, escolham homens de quaisquer lugares que maior contribuição possam dar à força e à honra de vocês. E eu tenho uma prova de que isso é o melhor a fazer: um carro não pode se tornar mais rápido, eu presumo, com cavalos lentos atrelados a ele, nem balanceado se a parrelha for díspar, assim como uma casa não pode ser bem administrada se emprega servos ruins, mas ela sofreria menos com a falta de servos do que ao ser mantida em desordem pelos ruins. 27. Tenham certeza de uma coisa, amigos”, ele continuou, “a expulsão dos maus soldados não nos servirá apenas por esse motivo, o de que os maus estarão ausentes, mas também, dentre os que permanecerem, os que já tiverem sido infectados com o vício serão dele purgados e os virtuosos manterão sua virtude com muito mais vontade, quando virem os maus desonrados”.

28. Assim ele concluiu seu discurso. Todos os seus amigos concordaram com ele e começaram a fazer o que havia sido proposto. Depois disso, Ciro começou de novo com as brincadeiras, pois tinha notado que um dos tenentes havia trazido para o jantar e feito sentar-se ao seu lado um homem muito peludo e muito feio. Chamando-o pelo nome, disse o seguinte, “Sambaulas, você leva com você para todo lado esse jovem sentado ao seu lado, como fazem os gregos, porque ele é bonito?”.

“Sim, por Zeus”, Sambaulas respondeu, “sinto sempre prazer quando ele está comigo e posso olhar para ele”. Ao ouvirem isso, seus companheiros voltaram-se para o homem, mas quando viram que seu rosto era de uma feiura terrível, todos puseram-se a rir. E alguém disse, “pelos deuses, Sambaulas, que tipo de coisa esse homem fez para você ficar tão grudado nele?”.

30. Ele respondeu, “por Zeus, homens, vou contar para vocês. Todas as vezes que eu o chamei, fosse de dia, fosse de noite, ele nunca deu a desculpa de estar ocupado, nem vinha até mim caminhando lentamente, mas sempre correndo. Todas as

vezes que eu mandei que ele fizesse alguma coisa, nunca o vi realizá-la sem suar. Ele fez com que todos os dez soldados sob seu comando se tornassem como ele, mostrando não com palavras, mas com atitude, que tipo de homens eles deveriam ser”.

31. Então alguém disse, “e mesmo ele sendo assim extraordinário, você não lhe dá um beijo, como faz com seus parentes?”. A isso respondeu o homem feio, “por Zeus, ele não gosta muito de trabalho pesado! Se ele quisesse me beijar, o esforço que teria de fazer poderia substituir todos os seus exercícios de ginástica”.

[3] 1. Coisas assim, divertidas e sérias, falaram e fizeram enquanto estavam na tenda. Por fim, depois de fazerem a terceira libação e uma prece aos deuses pelo seu favor, separaram-se e foram para cama.

REFERÊNCIAS

- BRUNA, J. *Xenofonte. A educação de Ciro*. Tradução. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CERDAS, E. *A Ciropédia de Xenofonte: um romance de formação na Antiguidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de São Paulo, 2011.
- CHIRON, P. “L’abeille attique”, In: P. Pontier (org.), *Xénophon et la Rhétorique*, Paris: Prèsses de l’université de Paris-Sorbonne, 2014, p.295-318.
- DORION, L.A. “Xenophon and Greek Philosophy”. In: M. Flower (ed.). *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 37-56.
- DUE, B. *The Cyropaedia: Xenophon’s aims and methods*. Aarhus: Aarhus University Press, 1989.
- GERA, D. L. *Xenophon’s Cyropaedia. Style, Genre, and Literary Technique*. New York: Oxford University Press, 1993.
- GRAY, V. *Xenophon’s Mirror of Princes: Reading the Reflections*, Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.
- _____. “Xenophon’s Language and Expression”. In: M. Flower (ed.). *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p.223-240.

HUSS, B. "The Dancing Socrates and the Laughing Xenophon". *American Journal of Philology*, 120, n.3, 1999, p. 381-409.

LIMA, A. C. *Xenofonte e a Paideia do Governante*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

NADON, C. *Xenophon's Prince. Republic and Empire in the Cyropaedia*. Berkeley: University of Califórnia Press, 2001.

PEREIRA, J. F. *Xenofonte. Ciropédia*. Tradução. Rio de Janeiro: Editora W. M. Jackson, 1964.

REICHEL, M., "Xenophon's Cyropaedia and the Hellenistic Novel", In: H. Hoffman. (ed.), *Groningen Colloquia on the Novel*, vol.VI, 1995, p.1-20.

SANDRIDGE, N. *Loving Humanity, Learning, and Being Honored: The Foundations of Leadership in Xenophon's The Education of Cyrus*. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2012.

STADTER, P. "Staying Up Late: Plutarch's Reading of Xenophon". In: F. Hobden, C. Tuplin (eds.). *Xenophon: Ethical Principles and History Enquiry*, Leiden/Boston: Brill, 2012, p. 43-62.

TATUM, J. *Xenophon's Imperial Fiction. On the Education of Cyrus*. New Jersey: Princeton, 1989.

_____. "Xenophons' Cyropaedia: fictive history, political analysis and thinking with Iranian kings", In: L. Mitchell, C. Melville (eds.). *Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds*. Leiden/Boston: Brill, 2013, p.67-90.